



**UMA LEITURA METODOLÓGICA DE A FUNÇÃO SOCIAL DA GUERRA NA
SOCIEDADE TUPINAMBÁ (LIVRO PRIMEIRO - A TECNOLOGIA GUERREIRA)
DE FLORESTAN FERNANDES**

Mirella de Almeida BRAGA^{1*}

¹Doutoranda em Antropologia/Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professora do Curso de Direito/Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), João Pessoa, Paraíba, Brasil.

*Autor para correspondência. E-mail: profabragad@gmail.com

Resumo. Este ensaio propõe uma leitura metodológica sobre o Primeiro livro – A tecnologia guerreira, da obra do Florestan Fernandes, “A função social da guerra na Sociedade Tupinambá”. Para a construção da escrita etnográfica, Florestan procura potencializar a literatura produzida sobre os tupinambá, a dissertação e a tese (orientadas por Fernando Azevedo) sobre os Tupinambá foram estudos etnográficos a partir de fontes puramente historiográficas (relatos de cronistas e viajantes ao “Brasil” dos séculos XVI e XVII), método não muito utilizado na Sociologia e na Antropologia que veem a etnografia como “estive lá”. A tese do Florestan foi dedicada aos professores e etnólogos Herbert Baldus e Roger Bastide (membros da banca de defesa da tese). Sherry Ortner no ano de 2006 define a teoria como a série de "estruturas de pensamento" - incluindo conceitos, metáforas e narrativas que fornecem estruturas interpretativas para dar sentido à evidência. Florestan caracterizou em notas a análise dos relatos dos cronistas e viajantes, sempre crítica, procurando verificar se elas não se contradizem e o contexto histórico de cada obra e autor (caráter literário, encomenda, relatório de governo, etc.). O interesse em compor este ensaio é dar visibilidade as discussões teórico-metodológicas presentes na obra de Florestan Fernandes que podem contribuir para o debate nas Ciências Sociais e nas áreas afins.

Palavras-chave: Estudos etnográficos; Sociologia; Antropologia.

**A METHODOLOGICAL READING OF THE SOCIAL FUNCTION OF WAR IN THE
TUPINAMBÁ SOCIETY (BOOK FIRST - THE WAR TECHNOLOGY) FROM
FLORESTAN FERNANDES**

Abstract. This essay proposes a methodological reading on the First book - The warrior technology, from the work of Florestan Fernandes, “The social function of war in the Tupinambá Society”. For the construction of ethnographic writing, Florestan seeks to enhance the literature produced on the Tupinambá, the dissertation and thesis (directed by Fernando Azevedo) on the Tupinambá were ethnographic studies from purely historiographic sources (reports by chroniclers and travelers to “Brazil” XVI and XVII centuries), a method not widely used in Sociology and Anthropology that see ethnography as “I was there”. Florestan's thesis was dedicated to professors and ethnologists Herbert

Baldus and Roger Bastide (members of the thesis defense panel). Sherry Ortner in the year 2006 defined theory as the series of "thought structures" - including concepts, metaphors and narratives that provide interpretive structures to make sense of the evidence. Florestan characterized in notes the analysis of the reports of the chroniclers and travelers, always critical, trying to verify that they do not contradict themselves and the historical context of each work and author (literary character, order, government report, etc.). The interest in composing this essay is to give visibility to the theoretical and methodological discussions present in the work of Florestan Fernandes that can contribute to the debate in Social Sciences and related areas.

Keywords: Ethnographic Studies; Sociology; Anthropology.

UNA LECTURA METODOLÓGICA DE LA FUNCIÓN SOCIAL DE LA GUERRA EN LA SOCIEDAD TUPINAMBÁ (LIBRO PRIMERO - LA TECNOLOGÍA DE LA GUERRA) DE FLORESTAN FERNANDES

Resumen. Este ensayo propone una lectura metodológica sobre el Primer libro: La tecnología guerrera, del trabajo de Florestan Fernandes, "La función social de la guerra en la Sociedad Tupinambá". Para la construcción de la escritura etnográfica, Florestan busca mejorar la literatura producida sobre el Tupinambá, la disertación y tesis (dirigida por Fernando Azevedo) sobre el Tupinambá fueron estudios etnográficos de fuentes puramente historiográficas (informes de cronistas y viajeros a "Brasil" Siglos XVI y XVII), un método no ampliamente utilizado en Sociología y Antropología que ve a la etnografía como "Yo estuve allí". La tesis de Florestan se dedicó a los profesores y etnólogos Herbert Baldus y Roger Bastide (miembros del panel de defensa de tesis). Sherry Ortner en el año de 2006 define la teoría como la serie de "estructuras de pensamiento", incluidos conceptos, metáforas y narrativas que proporcionan estructuras interpretativas para dar sentido a la evidencia. Florestan caracterizó en notas el análisis de los informes de los cronistas y viajeros, siempre críticos, tratando de verificar que no se contradicen a sí mismos ni al contexto histórico de cada obra y autor (personaje literario, orden, informe gubernamental, etc.). El interés en componer este ensayo es dar visibilidad a las discusiones teóricas y metodológicas presentes en el trabajo de Florestan Fernandes que pueden contribuir al debate en Ciencias Sociales y áreas relacionadas.

Palabras clave: Estudios etnográficos; Sociología; Antropología.

INTRODUÇÃO

Este ensaio propõe uma leitura metodológica sobre o Primeiro livro – A tecnologia guerreira, da obra do Florestan Fernandes, “A função social da guerra na Sociedade Tupinambá”. Florestan Fernandes, paulistano nascido em 1920. De origem popular, ingressou na Universidade de São Paulo em 1941, iniciou a docência como assistente em 1945. Em 1951, tornou-se doutor em Ciências Sociais (sociologia) pela Universidade de São Paulo (USP), onde

defendeu a seguinte tese: *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*, publicado no ano de 1952. Ao longo das páginas detalha-se o ponto de vista teórico e metodológico do trabalho do Florestan, entendendo que seu trabalho acaba se tornando uma referência, ao fazer uso do “método funcionalista” de análise – os indivíduos pensam e agem conforme as necessidades sociais (materiais/ecológicas e simbólicas) do contexto específico de suas existências.

OBSERVANDO TRAJETÓRIAS DE FLORESTAN

Florestan Fernandes nasce no ano de 1920 em um meio social de pobres trabalhadores da cidade de São Paulo. “Filho de mãe solteira, não conheceu o pai. O avô materno trabalhou como colono numa fazenda no interior de São Paulo, tendo morrido por tuberculose. A mãe, após se mudar para a capital paulista, trabalhou como empregada doméstica” (2002, p. 30). Trabalhou durante infância e juventude como engraxate, auxiliar em barbearia e garçom (Garcia, 2002). “Iniciei a minha aprendizagem sociológica aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse adulto e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a convivência humana e a sociedade” (1977, p. 142). Conciliando estudos e trabalhos, ingressou no Curso de Ciências Sociais da FFLCH da USP em 1941, tendo logo chamado atenção, pelo esforço e brilhantismo acadêmico, dos professores Roger Bastide e Fernando de Azevedo (Soares, 1997; Braga, 2000). Grande parte de sua trajetória acadêmica é realizada na USP. Forma-se bacharel e conclui a licenciatura em 1944. Em 1947 torna-se mestre em Ciências Sociais (Antropologia) com a dissertação *A organização social dos Tupinambá*, publicada em 1949. Em 1951 conclui o doutorado em Ciências Sociais com a tese *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*, publicada em 1952. No meio intelectual paulistano, estabelece boas relações acadêmicas com Bastide, Azevedo, Antonio Candido e Herber Baldus (Soares, 1997; Braga, 2000; Sampaio-Silva, 2000).

Em 1950, a Unesco solicitou a Bastide uma ampla pesquisa sobre a situação do negro em São Paulo. Florestan foi convidado por Bastide a se incorporar no projeto, o que levou a uma mudança na orientação intelectual do sociólogo paulista como assegura Candido: “De fato, ela propiciou a passagem de Florestan Fernandes para a investigação de situações sociais problemáticas, quando até então ele se havia ocupado, sobretudo, com trabalhos de reconstrução histórica por meio da análise bibliográfica, tendo limitado a pesquisa empírica quase apenas a manifestações folclóricas” (Candido, 1992, p. 26). (Braga, 2000, p. 345)

Em 1953, com o retorno de Bastide para a França, Fernandes ocupa sua cadeira de Sociologia I, exercendo a função de livre docente. Como professor de interesses temáticos múltiplos e robusta base teórica marxista, Florestan exerce influência sobre várias gerações de cientistas sociais da USP até se aposentar compulsoriamente em 1969 (no período da ditadura militar no Brasil). Transfere-se no mesmo ano como *Visiting Scholar* na Universidade de Columbia e torna-se, posteriormente, professor titular na Universidade de Toronto e *Visiting Professor* na Universidade de Yale. A partir de 1978, retornando ao Brasil, passa a ocupar a função de professor e pesquisador na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, exercendo também atividades na FFLCH da USP, sua antiga casa profissional (Oliveira, 2010). Com o fim da ditadura, participa ativamente da política nacional sendo eleito em 1986 deputado constituinte pelo Partido dos Trabalhadores. Acometido de problemas graves no fígado, falece em 1995 após sucessivos erros em procedimentos médicos (Oliveira, 2010).

A PESQUISA DE FLORESTAN SOBRE OS TUPINAMBÁ: ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Florestan Fernandes, hoje um “clássico nacional”, conhecido por obras que tratam de “temas marxistas” aplicados a contextos históricos e sociais brasileiros, pautou sua formação acadêmica, especialmente sua pós-graduação (mestrado e doutorado), em estudos etnográficos sobre os Tupinambá. Tais estudos foram estruturados a partir de fontes puramente historiográficas (relatos de cronistas e viajantes ao “Brasil” dos séculos XVI e XVII), estratégia metodológica um tanto *sui generis* para uma escrita etnográfica que valoriza, na época e ainda hoje, o “estive lá” como evidência fundamental dos argumentos construídos. Era um período de fundação das ciências sociais brasileiras e as fronteiras das disciplinas (Sociologia, Antropologia e Ciência Política) estavam bem borradas tanto do ponto de vista epistêmico como do ponto de vista metodológico.

Embora tenha lançado um audacioso olhar etnográfico sobre fatos históricos catalogados por cronistas e viajantes, os trabalhos de pesquisa que resultaram em sua dissertação e tese podem ser considerados tradicionais. Trata-se de esforços acadêmicos “metódicos” que aliam a realização de uma pesquisa exaustiva a uma linguagem tecnicista (prosa científica *hard*) fundamentada em uma clássica análise dos fenômenos sociais cuidadosamente repartidos (mesmo que interconectados) em “questões materiais” e “questões simbólicas”. Talvez a origem popular de Florestan tenha sido traduzida de algum modo no seu perfeccionismo acadêmico. Fazia ciência e não havia margem para contestações dos seus agora “iguais”.

A tese de doutorado, *A função social da guerra na sociedade Tupinambá* (1951), é uma continuidade do trabalho de mestrado, *A organização social dos Tupinambá* (1947). O trabalho propõe um aprofundamento de temáticas Tupinambá, marcando importantes avanços reflexivos a partir do debate teórico da época. Dividida em três “livros”, “A tecnologia guerreira”, “Os mecanismos tribais de controle social e a guerra” e “Conclusões” (contribuições da tese para a Sociologia), a narrativa reveza descrições mais empíricas e discussões teóricas, sempre com abordagem crítica dos fatos relatados e autores levantados no texto.

A análise que Florestan faz dos relatos dos cronistas e viajantes que passaram pelas terras Tupinambá nos séculos XVI e XVII é sempre crítica, procurando verificar as contradições e o contexto histórico de cada obra e autor. Averigua sempre, por meio de ponderações éticas e estéticas, se determinado relato possui um caráter literário, se foi elaborado a partir de uma encomenda de terceiros, se faz parte de um relatório de governo, etc. Muitas informações de técnicas e artefatos Tupi presentes na tese de Florestan são extraídas das obras *A civilização material das tribos Tupi-Guarani* (1928) e *A religião dos Tupinambá* (1928) de Alfred Métraux. Uma boa parte dessas informações é contestada pelo autor que aponta erros de metodologia e observação do referido etnógrafo.

O desenvolvimento dos argumentos da tese de Florestan revela o uso do “método funcionalista” de análise da realidade social observada – os indivíduos pensam e agem conforme as necessidades sociais (materiais/ecológicas e simbólicas) do contexto específico de suas existências. Esse “método”, tão presente nas ciências sociais da primeira metade do século XX, não se constitui apenas de um caminho técnico para acessar e organizar dados fragmentados encontrados na complexa e empírica “vida como ela é”. O método funcionalista também é uma lente teórica para compreensão do mundo que afeta as próprias condições de elaboração da pesquisa e da forma de transmitir ao leitor os resultados e o processo de construção da pesquisa. Entretanto, essa lente não é rígida o suficiente para torna-lo míope diante de incongruências e imponderáveis que contestam a relação entre função social e prática social.

Assim, ao mesmo tempo em que Florestan percebe “teoricamente” a guerra como um fenômeno humano universal, a descrição dos relatos expostos por cronistas e viajantes, a partir da observação da sociedade Tupinambá, o faz definir outra cosmologia e outra gramática da guerra. A execução bem sucedida da guerra Tupinambá estava relacionada ao “modo de ser” de certos animais. Não havia distinção na sociedade Tupinambá na “técnica de luta” entre homens e entre homens e animais e entre animais. Estamos, portanto, distantes das “funções” demasiadamente humanas da “guerra” como categoria dos ditos civilizados.

Um exemplo que pode ilustrar a maleabilidade do método funcionalista aplicado por Florestan ao material etnográfico Tupinambá é a criativa reflexão que o autor elabora do fenômeno da vingança como “função social” da guerra entre esses grupos. Para o autor, são vários os fatores que dão sentido (função) à guerra Tupinambá, mas o elemento central é a *vingança*. O desejo de vingança (aliado à crença em um paraíso terreal) desencadeia, por exemplo, constantes deslocamentos dos grupos Tupi – situações que coincidem com a necessidade de renovação dos recursos ambientais/ alimentares necessários ao sucesso da guerra. Mas, assim como ocorre com a categoria “guerra”, o sentido de “vingança” não pode ser compreendido em termos convencionais pragmáticos, como um conjunto de pensamentos e atos que reagem negativamente a pensamentos e atos de outrem.

As causas sociais da guerra tupinambá, entendendo o termo causa no sentido de *fator antecedente imediato ou fator determinante típico*, são de natureza mágico-religiosa. A noção de vingança não significava, estritamente, que uma retaliação devia ser cometida contra o inimigo. [...] Ela traduzia a intenção de socorrer o “espírito” de um parente, morto em circunstâncias que afetavam a integridade da sua “pessoa”, ou de satisfazer a necessidade de um ancestral mítico. Evidentemente, a transferência dessa intenção para a prática suscitava a guerra. Todavia, de nenhum modo a necessidade de relação sacrificial deve ser entendida como constituindo os fatores típicos da guerra tupinambá: ela era, antes, a sua expressão subjetiva. (FERNANDES, 1970 p.355)

Nesse sentido, a livre compreensão das categorias Tupinambá reconfiguram certa *doxa* metodológica funcionalista que enquadrava a realidade em elementos classificados como “causas” e outros como “efeitos”, imersos em uma dimensão pragmática dos imperativos da harmonia social. Florestan, mesmo envolto de uma linguagem funcionalista, antecipava na década de 1950 preocupações teórico-metodológicas mais simbolistas de perceber não apenas a diversidade de conteúdos culturais, mas, sobretudo, a diversidade de condições epistêmicas que possibilitam a existência de determinados conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a etnografia de Florestan bebe de importantes fontes teóricas e metodológicas do período de sua elaboração, alinhando inteligentemente diferentes técnicas de pesquisa com uma profunda e respeitosa revisão bibliográfica sobre o assunto, sendo referência fundamental para pesquisadores, professores e interessados em compreender o “contacto com os brancos exemplificam como o rompimento dessa equivalência técnica [as armas de guerra dos

Tupinambás em relação a outros ameríndios] teve efeitos desastrosos” (F. Fernandes, 1952). Assim, contra aquele localismo travestido de um falso universalismo, a etnografia vinha, por assim dizer, interpelar e questionar as certezas de um “ocidentalismo” vulgar. Ao longo da obra, há um exercício comparativo do “objeto de estudo” com técnicas de guerra dos ditos “civilizados”.

REFERÊNCIAS

BRAGA, M.L.S. A recepção do pensamento de Roger Bastide no Brasil. **Sociedade e Estado**. v. 15, n. 2, 2000.

DAS, V. Wittgenstein and anthropology. **Annual Review of Anthropology**. v. 27, 1998.

ENGELKE, M. The objects of evidence. **Journal of the Royal Anthropological Institute**. 2008.

FERNANDES, F. **A função social da guerra na sociedade Tupinambá**. São Paulo: Pioneira, 1970.

FERNANDES, F. **A organização social dos Tupinambás**. São Paulo: Difel, 1963.

GARCIA, S.G. **Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

MÉTRAUX, A. **A civilização material das tribos tupi-guarani**. Campo Grande: Editora Alvorada, 2012.

MÉTRAUX, A. **A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guarani**. São Paulo: Editora da USP, 1979.

OLIVEIRA, M.M. **Florestan Fernandes**. Recife: Massangana, 2010.

ORTNER, S. **Anthropology and social theory: culture, power, and the acting subject**. Durham: Duke University Press, 2006.

PEIRANO, M. A antropologia esquecida de Florestan Fernandes: os Tupinambá. **Anuário Antropológico 82**. Fortaleza/Rio de Janeiro: Edições UFC/Tempo Brasileiro, 1984.

SAMPAIO-SILVA, O. O antropólogo Herbert Baldus. **Revista de Antropologia**. v. 43, n. 2. São Paulo, 2000.

SOARES, E.V. **Florestan Fernandes: o militante solitário**. São Paulo: Cortez, 1997.

VERGER, P.R.B. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 20, 1978.